

A caracterização do herói moderno no romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos

The characterization of the modern hero in the novel *Vidas Secas* by Graciliano Ramos

La caracterización del héroe moderno en la novela *Vidas Secas* de Graciliano Ramos

Antônio Murilo do Nascimento Monteiro¹

Tomé Fernandes Caitano²

Lucas Braga da Silva³

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar a possibilidade de caracterização de Fabiano, personagem de *Vidas Secas*, como herói moderno, a partir da relação entre sua trajetória literária e as contradições sociais da modernidade. A investigação busca responder em que medida a experiência ficcional do personagem expressa crítica social, fragmentação narrativa e ausência de transcendência, dimensões fundamentais para a compreensão da estética moderna. Para atingir esse propósito, foi adotada abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e orientação histórico-crítica, envolvendo leitura integral e análise sistemática do romance, de modo a identificar elementos estético-narrativos que dialogam com a noção de herói problemático. Os resultados apontam que Fabiano encarna um sujeito marcado pela alienação, impotência e falta de horizonte teleológico, configurando-se como representação literária da precariedade histórica e da impossibilidade de sínteses reconciliatórias, o que permite compreender *Vidas Secas* como obra inserida no debate estético e histórico da modernidade literária.

Palavras-chave: Romance. Herói moderno. Fragmentação. Modernidade. Crítica social.

Abstract: This study aims to analyze the possibility of characterizing Fabiano, the central character of *Vidas Secas*, as a modern hero, by examining the relationship between his literary trajectory and the social, contradictions of modernity. The investigation seeks to determine the extent to which the character's fictional experience conveys social criticism, narrative fragmentation, and the absence of transcendence—key dimensions for understanding modern aesthetics. To achieve this objective, a qualitative approach was adopted, based on bibliographic research and a historical-critical orientation, involving a comprehensive reading and systematic analysis of the novel to identify aesthetic and narrative elements that resonate with the notion of the problematic hero. The findings indicate that Fabiano embodies a figure marked by alienation, powerlessness, and the absence of a teleological horizon, representing the historical precariousness and impossibility of reconciliatory syntheses, thereby positioning *Vidas Secas* within the aesthetic and historical debates of literary modernity.

Keywords: Novel. Modern hero. Fragmentation. Modernity. Social critique.

¹ Aluno do Curso Técnico em Informática. Instituto Federal do Amazonas (IFAM). ORCID <https://orcid.org/0009-0002-0366-0314>. E-mail: murilonascimento379@gmail.com

² Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação. Instituto Federal do Amazonas (IFAM). ORCID <https://orcid.org/0009-0006-9469-0031>. E-mail: tomecaitano@gmail.com

³ Doutor em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Tocantins. Instituto Federal do Amazonas (IFAM). ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6034-4057>. E-mail: lucas.silva@ifam.edu.br

Resumen: El presente estudio tiene como objetivo analizar la posibilidad de caracterizar a Fabiano, personaje central de *Vidas Secas*, como héroe moderno, a partir de la relación entre su trayectoria literaria y las contradicciones sociales de la modernidad. La investigación busca responder en qué medida la experiencia ficticia del personaje expresa crítica social, fragmentación narrativa y ausencia de trascendencia, dimensiones fundamentales para la comprensión de la estética moderna. Para alcanzar este propósito, se adoptó un enfoque cualitativo, de naturaleza bibliográfica y orientación histórico-crítica, que incluyó la lectura integral y el análisis sistemático de la obra, con el fin de identificar elementos estético-narrativos que dialogan con la noción de héroe problemático. Los resultados señalan que Fabiano encarna una figura marcada por la alienación, la impotencia y la falta de horizonte teleológico, lo que sitúa a *Vidas Secas* en el debate estético e histórico de la modernidad literaria.

Palabras-clave: Novela. Héroe moderno. Fragmentación. Modernidad. Crítica social.

Submetido 30/09/2025

Aceito 03/03/2026

Publicado 11/03/2026

Considerações iniciais

O presente artigo parte da premissa de que a literatura moderna constitui um dos espaços mais significativos para refletir sobre a condição humana diante das contradições históricas e sociais da modernidade. Ao longo do século XX, teóricos como Lukács (2000) e Goldmann (1976) interpretaram o romance como a forma literária capaz de traduzir, em sua estrutura e temática, as tensões entre indivíduo e sociedade, particularidade e totalidade histórica, transcendência e desencanto. Importa esclarecer que as categorias mobilizadas neste estudo, especialmente a noção de herói problemático, derivam da fase inicial do pensamento de Lukács, expressa em *A teoria do romance*, momento ainda anterior à consolidação de sua crítica mais sistemática ao modernismo e à fragmentação formal. Tal delimitação é necessária, uma vez que, em sua fase posterior, o pensador húngaro enfatizou o realismo como forma privilegiada de especialização da herança histórica, problematizando experiências modernistas marcadas pela dissolução formal e pela ênfase unilateral na subjetividade. É nesse horizonte que se insere esta investigação, voltada a compreender de que modo o personagem Fabiano, do romance brasileiro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, incorpora essas problemáticas universais da experiência moderna.

No âmbito da literatura brasileira, conforme argumentação de Lafetá (1974), o romance de 1930 reorganiza as relações entre forma literária e ideologia, consolidando uma narrativa voltada à interpretação da realidade social brasileira. Entre os autores desse período, Ramos destacou-se por sua escrita concisa, crítica e profundamente humana, na qual o sertão deixa de ser mero espaço geográfico para converter-se em metáfora da condição universal do homem diante da miséria e da solidão. Publicado em 1938, *Vidas Secas* ultrapassa os limites do regionalismo ao revelar, por meio de uma linguagem seca e fragmentada, o desamparo e a resistência de personagens submetidos à opressão social e à precariedade da condição humana (Bosi, 2015).

Para Clemente (1989), os personagens de *Vidas Secas* operam como expressão crítica de uma estrutura fundiária injusta e excludente, cuja lógica ultrapassa o recorte nordestino e se projeta como traço constitutivo da formação social brasileira. A força de resistência do romance, nesse sentido, reside tanto em sua elaboração estética quanto na persistência histórica das contradições sociais que tematiza.

A obra foi selecionada por expressar, de maneira singular, o encontro entre essa dimensão social e problematização da condição histórica do sujeito. Observar *Vidas Secas* pela figura do personagem Fabiano permite compreender a narrativa como representação simbólica das inquietações do homem contemporâneo, marcadas pela ausência de sentido, pela desintegração da experiência e pela perda de referências espirituais. Dessa forma, o romance supracitado supera o enfoque regional para se afirmar como criação literária moderna, em que a trajetória do protagonista reflete o drama humano diante da precariedade e do desencanto histórico.

Essa leitura conduz à compreensão das origens desse modelo narrativo, cuja estrutura reflete as transformações culturais e históricas que moldaram o romance moderno, consolidando-o como a forma literária mais representativa das profundas transformações que marcaram a passagem do mundo antigo e medieval para a modernidade. Com o avanço da racionalização, da secularização das instituições e da ascensão da sociedade burguesa, dissolveu-se a unidade metafísica e ética que antes orientava as narrativas épicas, instaurando uma experiência histórica caracterizada pela fragmentação, pelo desencanto e pela ausência de garantias transcendentais (Lukács, 2000). Nesse contexto, a literatura deixou de expressar uma ordem cósmica estável para converter-se em espaço estético de problematização da crise de sentido da civilização moderna, articulando de modo singular os dilemas da condição humana, as contradições históricas e os impasses sociais do mundo contemporâneo.

O marco teórico que sustenta a análise fundamenta-se nas reflexões de Lukács (2000), Bakhtin (2010), Benjamin (1989) e Goldmann (1976), entre outros autores que examinaram a forma e o conteúdo do romance moderno. A pergunta norteadora que orienta este estudo é: Fabiano pode ser considerado um herói problemático e, portanto, enquadrar-se na concepção de herói moderno apresentada por Lukács e Goldmann? A partir das categorias do herói problemático, da fragmentação narrativa e da ausência de transcendência, discute-se como a construção literária de Fabiano expressa as contradições históricas e sociais da modernidade, revelando, em sua forma e conteúdo, a crítica social e a impossibilidade de sínteses reconciliatórias que caracterizam o romance moderno.

Nos tópicos seguintes, são apresentados os procedimentos metodológicos empregados para a análise da obra bem como os fundamentos teóricos que sustentam a discussão sobre o romance moderno e a figura do herói problemático. Em seguida, são expostos os resultados da

investigação, organizados de modo a evidenciar como *Vidas Secas* articula crítica social, fragmentação formal e ausência de transcendência na construção do personagem Fabiano, permitindo compreender sua trajetória como expressão literária das contradições e impasses da modernidade.

Metodologia

A presente investigação enquadra-se no âmbito da pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e natureza histórico-crítica, conforme delineado por Gil (2008) e Severino (2016). Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica ultrapassa a mera compilação de informações, constituindo-se como procedimento sistemático que permite a análise, síntese e problematização de produções já consolidadas no campo científico e cultural. Nessa mesma perspectiva, Severino (2016) enfatiza que esse tipo de abordagem deve articular criticamente os referenciais teóricos e os dados extraídos do corpus, de modo a possibilitar interpretações rigorosas e sustentadas por categorias conceituais bem delimitadas.

Com base nesses pressupostos, tomou-se como objeto de estudo o romance *Vidas Secas*, publicado originalmente em 1938, cuja relevância histórico-literária justifica sua escolha como *corpus* de análise. O procedimento metodológico desenvolveu-se em três etapas interdependentes. Na primeira, realizou-se a leitura integral e minuciosa da obra, guiada por categorias analíticas previamente estabelecidas a partir do aporte teórico de Lukács (2000), Bakhtin (2010), Benjamin (1989) e Goldmann (1976). Nessa fase, buscou-se identificar passagens que evidenciassem, de forma mais expressiva, a construção do protagonista e sua inserção em contextos de descontinuidade estrutural, esvaziamento teleológico e dilemas socioexistenciais.

Na segunda etapa, procedeu-se à categorização sistemática dos excertos selecionados, considerando a sua relevância para a representação da trajetória de Fabiano e também seu papel estético e composicional na configuração da narrativa. Esse procedimento possibilitou organizar criticamente as passagens de modo a relacionar a dimensão individual do personagem com os elementos formais e temáticos vinculados à modernidade literária.

Por fim, a terceira etapa consistiu na análise interpretativa propriamente dita, mediando dialeticamente forma literária, contexto histórico e categorias estéticas. Priorizou-se uma leitura que evidenciasse como *Vidas Secas*, a partir da experiência de Fabiano, articula crítica social,

problematização humana e experimentação formal, oferecendo subsídios para compreender as tensões entre literatura, modernidade e historicidade.

O Romance Moderno e a configuração do Herói Problemático

O romance moderno não pode ser compreendido sem um exame rigoroso das transformações históricas, sociais e culturais que atravessam a passagem do mundo antigo e medieval para a modernidade. Na Antiguidade, a epopeia traduzia uma experiência coletiva na qual indivíduo e comunidade, ética e política, transcendência e história formavam uma unidade indissociável. Lukács descreve esse traço fundamental ao observar que:

o herói da epopéia nunca é, a rigor, um indivíduo. Desde sempre considerou-se traço essencial da epopéia que seu objeto não é um destino pessoal, mas o de uma comunidade. E com razão, pois a perfeição e completude do sistema de valores que determina o cosmos épico cria um todo demasiado orgânico para que uma de suas partes possa tornar-se tão isolada em si mesma, tão fortemente voltada a si mesma, a ponto de descobrir-se como interioridade, a ponto de tornar-se individualidade (Lukács, 2000, p. 66).

Nesse universo épico, o herói representava não apenas a si mesmo, mas a própria comunidade. Sua ação fundava e preservava valores duradouros, enquanto a narrativa possuía um sentido teleológico bem definido: o destino humano e a ordem cósmica estavam em plena consonância, garantindo uma visão de mundo em que a história caminhava em direção a uma finalidade superior. Essa unidade metafísica e ética, no entanto, começa a desintegrar-se à medida que a racionalidade moderna avança, acompanhada pela secularização das instituições, pela ascensão da sociedade burguesa e pelo desenvolvimento do capitalismo, que corroem as bases simbólicas e espirituais do mundo tradicional e instauram, como observa Anderson (1999), uma experiência histórica marcada pela abertura, pela dinamicidade e pelo caráter revolucionário das mudanças sociais.

A transferência do romance moderno implica uma transformação estrutural na representação da experiência humana, pois rompeu definitivamente com a unidade orgânica que caracterizou a epopeia. Conforme observa Lacerda Neto (2014), no romance estabelecem-se duas instâncias em dissonância permanente: o indivíduo e a sociedade. Essa “fratura” não é episódica, mas constitutiva da forma romanesca, uma vez que o mundo já não se apresenta como espaço de pertencimento ou continuidade ética, mas como realidade objetiva que se

impõe ao sujeito em chave de estranhamento. O herói, nesse contexto, não encontra mais no mundo a confirmação de seus valores; ao contrário, confronta-se com a inadequação entre suas aspirações e a organização concreta da vida social. É precisamente essa decisão que emerge a figura do herói problemático, categoria formulada por Lukács para designar o protagonista cuja trajetória se organiza como busca de valores autênticos em um mundo degradado. Como destaca Samuel (1985), o romance torna-se uma narrativa dessa investigação degradada, marcada por uma ruptura estrutural entre herói e realidade, que produz uma dupla manipulação: a do sujeito, que não alcança sínteses entre anseios e ação, e a do mundo, que se revela incapacidade de oferecer horizonte de reconciliação.

Antunes (1998) amplia essa compreensão ao afirmar que tal impossibilidade de reconciliação decorre das condições históricas da sociedade burguesa, nas quais a organização objetiva da vida social inviabiliza a convergência entre as aspirações e a estrutura social vigente. Dessa forma, o herói problemático constitui a formalização estética de uma estrutura histórica marcada pela desproporção entre interioridade e objetividade, ou seja, ele encarna, na própria configuração da narrativa, a impossibilidade de reintegrar-se a uma totalidade que já não se oferece como unidade reconciliada.

A modernidade, ao romper de modo definitivo com os fundamentos transcendentais que sustentavam a vida medieval e antiga, inaugura o que Baudelaire (2010) denominou “o transitório, o efêmero, o contingente”. Elementos outrora concebidos como imutáveis (as hierarquias sociais, os valores religiosos, as formas de sociabilidade comunitária) sofrem um processo de desgaste irreversível, impulsionado pela racionalização crescente, pela mercantilização das relações humanas e pela ampliação de uma lógica econômica que subordina todos os aspectos da vida ao valor de troca. Benjamin (1989) acrescenta que esse processo representa também o fim de uma experiência coletiva transmitida através do mito e da tradição oral: se a narrativa antiga integrava a memória da comunidade, convertendo o passado em fonte de sabedoria compartilhada, a modernidade fragmenta essa continuidade, substituindo-a por uma experiência individualizada, muitas vezes solitária, em que a memória histórica se dispersa e a transmissão cultural perde seu caráter orgânico.

É nesse contexto que o romance emerge como a forma estética capaz de dar expressão a essa nova realidade. Ao contrário da epopeia, que celebrava a unidade entre homem e mundo, o romance passa a figurar a desagregação dessa totalidade, transformando em matéria narrativa

a perda de certezas metafísicas, a subjetividade em expansão e a crise de sentido que atravessa a civilização moderna. Sua estrutura formal (fragmentária, polifônica, aberta) reflete a complexidade de uma época em que as promessas de racionalidade e progresso convivem com experiências de alienação, desenraizamento e ruptura histórica.

Antunes (1998) observa que a ascensão da burguesia cria uma sociabilidade inédita, orientada pela razão instrumental, pela economia de mercado e pela política secularizada, na qual o indivíduo passa a ser a unidade fundamental da experiência histórica. Não por acaso, o romance privilegia personagens anônimos, vidas cotidianas, trajetórias interrompidas, em contraste com os heróis fundadores das epopeias antigas. Borgato (2013) complementa que essa mudança não é apenas temática, mas estrutural: a linearidade teleológica cede espaço à fragmentação, à multiplicidade de vozes, à subjetividade e à contingência. O romance torna-se, assim, a forma literária adequada para narrar um mundo em que não há mais garantias transcendentais, em que a verdade se dispersa em perspectivas parciais e em que o indivíduo deve construir sozinho, e precariamente, o sentido de sua própria experiência no mundo social.

Essa ruptura formal e histórica encontra eco na análise de Bakhtin (2010), para quem o romance é o gênero da polifonia, do dialogismo, da pluralidade de vozes e consciências que coexistem sem síntese final. Ao contrário das formas monológicas, que falavam a partir de uma verdade única, o romance incorpora o conflito, a ambiguidade, a ironia e a relativização como princípios constitutivos. A heterogeneidade da modernidade, com suas cidades superpovoadas, seus mercados globais, suas ideologias concorrentes e suas identidades fragmentadas, exige uma forma literária igualmente heterogênea, capaz de representar a simultaneidade e o choque de experiências inconciliáveis.

Lukács (2000) descreve o protagonista do romance moderno como um herói problemático: privado de transcendência, separado da totalidade, condenado à busca de sentido em um mundo indiferente. Esse herói não realiza feitos grandiosos nem funda novas ordens éticas; ao contrário, vive a experiência da inadequação, da melancolia, do fracasso. Ao contrário do herói épico, que encarnava os valores da comunidade, o herói moderno revela a cisão entre indivíduo e sociedade, entre interioridade e mundo objetivo. Sua trajetória é, muitas vezes, a história de uma derrota anunciada, não por fraqueza pessoal, mas porque a própria modernidade torna impossível qualquer reconciliação plena entre sujeito e realidade (Lima, 1984).

A ambivalência do herói moderno não é apenas um traço psicológico ou narrativo, mas o sintoma mais evidente das contradições estruturais da civilização capitalista, que, ao mesmo tempo em que proclama ideais de liberdade, racionalidade e progresso, constrói uma realidade permeada por alienação, exploração econômica e desencanto diante das promessas modernas (Kothe, 2000). O protagonista do romance moderno, nesse contexto, encarna essa expectativa não cumprida: deseja autonomia, autenticidade e sentido, mas encontra um mundo regido por forças impessoais — o mercado, a técnica, as instituições burocráticas — que reduzem a vida a funções utilitárias e dissolvem antigas referências éticas e espirituais. Brandão (2020) observa que, para evidenciar esse processo, a literatura moderna frequentemente recorre ao anti-herói, figura marcada pela hesitação, pela impotência e pela ausência de objetivos transcendentais, cujo percurso não se orienta por ideais grandiosos, mas por uma trajetória atravessada pela frustração, pela precariedade e pela melancolia.

Esse recurso narrativo recusa os finais conciliatórios e as soluções fáceis, insistindo em representar a modernidade como experiência histórica de crise e incompletude. Essa recusa, como lembra Nunes (1993), aproxima-se do que ele denomina niilismo moderno: a percepção de que os valores tradicionais — religiosos, morais, metafísicos — perderam sua validade, mas sem que novos valores universais tenham surgido para substituí-los. Assim, o romance não oferece respostas unívocas nem reconciliações definitivas; ao contrário, faz da própria ausência de fundamentos e da multiplicidade de perspectivas o seu princípio estético, revelando uma civilização que, ao mesmo tempo em que expande o horizonte técnico e material, implode suas próprias certezas simbólicas e éticas.

No plano estético, essa crise se traduz em narrativas abertas, fragmentárias, polifônicas. Benjamin (1989) vê nisso a marca da modernidade: a experiência deixa de ser contínua e compartilhada, tornando-se isolada, subjetiva, privada. Bakhtin (2010) interpreta a polifonia como uma recusa deliberada de verdades únicas: o romance moderno não apresenta sínteses, mas conflitos; não impõe teleologias, mas expõe ambiguidades. Gumbrecht (1998) acrescenta que essa estética da fragmentação reflete as transformações nos regimes de percepção: o tempo acelerado, a multiplicidade de estímulos, a efemeridade da experiência urbana, tudo isso exige novas formas narrativas para dar conta de uma realidade que já não pode ser representada por enredos lineares e totalizantes.

Além disso, o romance moderno amplia seu repertório temático ao incluir personagens e vozes antes silenciados: camponeses, operários, mulheres, colonizados. Hernandez (2008) e Gentili (2001) destacam que essa inclusão não é neutra: ao narrar a pobreza, a violência e a exclusão, o romance denuncia as estruturas históricas e sociais que as produzem. Bosi (2015) interpreta essa dimensão como resistência cultural: ao dar voz aos marginalizados, a literatura impede que suas experiências sejam apagadas pelo discurso oficial ou reduzidas à invisibilidade. Candido (2023) observa que a obra literária não reflete mecanicamente a realidade, mas a recria criticamente, revelando suas contradições sem reduzi-las a moralismos simplistas.

Por outro lado, Campbell (2009) e Armstrong (2008) lembram que, mesmo num mundo desencantado, a imaginação humana continua a recorrer a símbolos, arquétipos e mitos para dar forma ao desejo de sentido. Chevalier e Gheerbrant (2001) mostram que antigos mitos de origem, de travessia ou de queda reaparecem no romance moderno, mas destituídos de garantias metafísicas, reinscritos numa realidade histórica concreta. Essa permanência do imaginário mítico, agora submetido à crítica e à ironia, revela a complexidade da forma romanesca, capaz de articular modernidade e arcaísmo, história e mito, desencanto e desejo.

Goldmann (1976) vê nisso a dimensão crítica da forma romanesca: ao revelar a busca por valores autênticos em uma sociedade degradada, o romance expõe as mediações econômicas, políticas e ideológicas que deformam esses valores. Nunes (1993) acrescenta que essa recusa de reconciliação total distingue o romance moderno tanto do moralismo quanto da ideologia: ele não oferece lições nem celebrações, mas uma análise complexa da realidade histórica, aberta às suas ambiguidades e tensões. O romance moderno articula mito e história, subjetividade e crítica social, interioridade e estrutura, estética e política. Ele surge quando a totalidade metafísica se dissolve, quando a modernidade produz indivíduos livres e, ao mesmo tempo, alienados, quando a experiência deixa de ser coletiva e se torna fragmentada e subjetiva. Ao transformar essa crise em forma literária, o romance não a resolve, mas a expõe, convertendo a literatura em espaço privilegiado para pensar as promessas e os impasses da civilização moderna.

Diante desse panorama teórico que delineia a passagem do herói épico, integrado a uma totalidade cósmica e histórica, para o herói moderno, marcado pela fragmentação, pela perda de transcendência e pela experiência de desenraizamento, torna-se possível adentrar o universo

literário de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. A obra, inserida no contexto da modernidade e atravessada pelas contradições históricas e sociais do Brasil rural do século XX, oferece um terreno fecundo para investigar se Fabiano, protagonista da narrativa, encarna o herói problemático descrito por Lukács (2000) — aquele que, desprovido de garantias metafísicas, luta para dar sentido à própria condição em meio à indiferença de um mundo hostil. A análise buscará compreender como a trajetória de Fabiano dialoga com as características formais e temáticas do romance moderno, revelando, ou não, a presença desse herói cindido, ambivalente e solitário, cuja experiência literária expõe as fissuras da modernidade e as promessas não cumpridas da civilização contemporânea.

Análise de dados e resultados

Graciliano Ramos (1892-1953), um dos mais expressivos romancistas do modernismo brasileiro, nasceu em Quebrangulo, Alagoas, e construiu uma obra profundamente marcada pela crítica social e pelo retrato cru da condição humana no sertão nordestino. Como observa Cândido (2000), sua prosa concilia economia verbal e densidade expressiva, revelando a desumanização produzida tanto pela seca quanto pelas estruturas sociais excludentes. Ao longo da vida, Graciliano exerceu diversas funções públicas e manteve relação tensa com o poder político, sendo inclusive preso durante o Estado Novo, experiência que intensificou seu olhar crítico sobre a opressão e a violência institucional (Bosi, 2015).

A singularidade estética de Ramos pode ser compreendida a partir da combinação entre rigor formal, depuração expressiva e domínio lexical. Como observa Carpeaux (1978), sua escrita caracteriza-se por uma disciplina extrema que elimina o supérfluo, rejeita o pitoresco e a eloquência excessiva, buscando apenas o essencial; trata-se de um lirismo contido, sóbrio e estruturalmente rigoroso, que estabiliza a linguagem em vez de submetê-la à melhoria retórica. Nesse sentido, a obra de Graciliano não se reduz a um apego formal à norma culta, mas revela um projeto estético consciente que articula sintaxe precisa e vocabulário atual, mantendo equilíbrio entre correção gramatical e expressão regional, como destaca Pereira (1978). Além disso, conforme argumenta Leitão (2003), a aparente concisão não implica empobrecimento vocabular, mas, ao contrário, evidencia um uso estratégico do léxico, ajustado às situações narrativas e à constituição dos personagens.

Publicado em 1938, *Vidas Secas* é considerado por Rónai (1983) um dos ápices da ficção regionalista de 1930, apresentando uma narrativa fragmentada que acompanha a trajetória de Fabiano, Sinhá Vitória, os dois filhos e a cadela Baleia, personagens cuja luta cotidiana contra a fome, a seca e a injustiça traduz a face mais árida da condição humana. A linguagem direta e contida de Graciliano, aliada à perspectiva crítica da realidade, transforma o romance em um documento literário da miséria material e simbólica do sertão, como se vê na cena emblemática em que Fabiano, rude e analfabeto, é preso e espancado pelo Soldado Amarelo, evidenciando, como aponta Bosi (2015), a violência do Estado e a exclusão histórica dos pobres na sociedade brasileira. Assim, a linguagem em *Vidas Secas* não é mero instrumento descritivo, mas elemento estruturante da representação literária, traduzindo, por meio de economia e rigor, a experiência histórica e social que atravessa seus personagens.

A construção de Fabiano em *Vidas Secas* articula-se com a concepção do herói moderno desenvolvida por Lukács (2000), para quem o romance nasce quando a unidade entre sujeito e mundo, típica da epopeia, se rompe diante da modernidade. Diferente do herói épico, que encarna valores coletivos e caminha para a fundação de uma ordem, o herói moderno é um indivíduo isolado, fragmentado, incapaz de reconciliar interioridade e realidade objetiva. Nesse sentido, vê-se a possibilidade de Fabiano encarnar-se exemplarmente como um “herói problemático” lukacsiano: um homem brutalizado pela miséria, pelas estruturas sociais excludentes e pela violência institucional, que não encontra lugar nem na história nem na linguagem.

Logo no início da narrativa, a percepção de que Fabiano tem de si mesmo já evidencia a precariedade simbólica que atravessa sua condição social, marcada pela exclusão educacional, pela limitação linguística e pela internalização da inferioridade imposta pelas estruturas de poder: “Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha” (Ramos, 1938/2021, p. 20). Esse silêncio reiterado e essa dificuldade de elaboração verbal reaparece em diversas passagens como expressão da limitação histórica e cultural que circunscreve a experiência do personagem.

A interação social constitui condição fundamental para a sobrevivência humana, pois, conforme o argumento de Silva (2017), o homem é um ser social cuja experiência se organiza por meio da linguagem, sendo este o instrumento pelo qual o discurso se materializa e o sujeito se insere na vida coletiva. No entanto, em *Vidas Secas*, o meio físico e social interfere

diretamente no comportamento dos personagens, produzindo ressignificações e condicionando suas formas de expressão (Silva, 2017). A fala reduzida de Fabiano, portanto, pode ser compreendida como resultado de uma condição social que restringe o acesso à linguagem legitimada culturalmente.

Nesse sentido, a linguagem opera como marcador de desigualdade, uma vez que a dificuldade de articulação verbal compromete a participação plena do sujeito na esfera social (Silva, 2017). De acordo com Bakhtin (2010), todo enunciado integra uma cadeia social de discursos e pressupõe a existência de sistemas linguísticos já constituídos; desse modo, quando o indivíduo não dispõe das condições materiais e educacionais para participar dessa rede discursiva, sua inserção social torna-se limitada. Em *Vidas Secas*, a fala rarefeita de Fabiano, marcada por silêncios e hesitações, evidencia essa restrição estrutural, revelando como a exclusão linguística se articula às condições sociais que definem sua posição marginal na sociedade sertaneja.

Em determinado momento, a narrativa registra que “os meninos não falavam, e Fabiano gostava daquele silêncio” (Ramos, 1938/2021, p. 15). Não se trata apenas de uma cena de rusticidade familiar, mas da representação de um universo em que a palavra parece interdita pela miséria e pela exclusão, revelando o que Benjamin (1989) descreve como a fragmentação da experiência moderna, na qual a tradição oral e a transmissão coletiva de sentido se rompem, dando lugar a existências isoladas e à comunicação truncada. Melo (2005) observa que a limitação linguística de Fabiano reflete sua dificuldade de apreensão da realidade.

Assim, Fabiano encarna o “herói problemático” descrito por Lukács, figura que não apenas sofre as imposições históricas e sociais, mas cuja própria trajetória expõe a falência das promessas modernas de liberdade e emancipação. A prisão arbitrária imposta pelo Soldado Amarelo, personagem secundário que, embora apareça brevemente na narrativa, concentra em si a representação do Estado autoritário e da violência institucional contra os pobres, intensifica a dimensão trágica da trajetória de Fabiano. Espancado e encarcerado sem justificativa plausível, o protagonista é levado a enfrentar a própria condição social de submissão e exclusão: “Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito?” (Ramos, 1938/2021, p. 18). Esse questionamento, impregnado de perplexidade e impotência, evidencia a brutalidade estatal a que está submetido, e também a interdição simbólica de sua

subjetividade. Em consonância com a crítica de Fehér (1997), o episódio revela o herói moderno não como aquele que constrói caminhos de liberdade e emancipação, mas como figura marcada pelo acúmulo de frustrações e feridas em um mundo onde as promessas de progresso e racionalidade colidem com a opressão e a exclusão históricas da modernidade periférica brasileira. Além disso, quando Fabiano tenta planejar o futuro, a narrativa revela sua impotência: “Pensou na vida, achou-a ruim, e não soube como mudá-la” (Ramos, 1938/2021, p. 29). Essa impossibilidade de transformação conecta-se à análise do declínio moderno, no qual os valores tradicionais ruem sem que novas referências éticas ou metafísicas ocupem seu lugar (Nunes, 1993).

O episódio da prisão não se limita à violência física, mas imprime em Fabiano um sentimento profundo de inferioridade e frustração. A narrativa revela que ele se pergunta, em tom de autocrítica amarga: “Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido” (Ramos, 1938/2021, p. 18). Essa repetição insistente, em que Fabiano reconhece a própria ignorância, ecoa a crítica de Nunes (1993) ao niilismo moderno: trata-se de um sujeito privado de transcendência, confinado a uma existência sem horizonte, cuja vida está presa a um presente precário e sem promessa de superação. A violência institucional, simbolizada pelo Soldado Amarelo, não apenas oprime materialmente, mas silencia simbolicamente, interditando a possibilidade de voz e de futuro para aqueles que habitam as margens sociais.

Não obstante a violência e a exclusão que atravessam sua trajetória, Fabiano continua a sonhar. Em diferentes passagens da narrativa, o personagem projeta uma vida diversa daquela a que está condenado: terras próprias, filhos educados, dignidade e autonomia. Sonhos como o de “correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira” (Ramos, 1938/2021, p. 22) evidenciam que sua interioridade não se encontra completamente aniquilada; persiste nele uma expectativa difusa de transformação, ainda que desprovida de contornos concretos. Em outra passagem, o protagonista imagina uma vida melhor, mas sem conseguir concebê-la de forma concreta: “Sinhá Vitória queria uma cama de couro” (Ramos, 1938/2021, p. 32). Nesse período, (1930), a maioria da população brasileira residia em áreas rurais, sendo o Nordeste uma das regiões mais atingidas pela pobreza estrutural. A precariedade das condições de moradia, saúde e trabalho, aliada à fragilidade na efetivação dos direitos sociais, configurava um cenário de vulnerabilidade sistemática. O elevado índice de analfabetismo limitava a organização coletiva e a reivindicação política (Silva, 2017). Nesse

contexto, a afirmação de Euclides da Cunha de que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte” (2016, p. 116) pode ser vista como reconhecimento da resistência social diante de condições historicamente adversas.

Essa limitação das aspirações aparece de forma emblemática em *Vidas Secas*, quando Sinhá Vitória projeta o desejo de possuir a cama de couro citada. O objeto, aparentemente simples, adquire significado social preciso: não se trata de luxo, mas de um símbolo mínimo de estabilidade e dignidade material. A dificuldade de conceber um futuro que ultrapasse necessidades imediatas evidencia como a precariedade estrutural restringe o horizonte de possibilidades dos sujeitos sertanejos, cujos projetos de vida permanecem circunscritos às condições impostas pela exclusão histórica e pela desigualdade regional.

Nesse contexto, a própria estrutura cíclica do romance, que se inaugura e se encerra com a família fugindo da seca, frustra qualquer horizonte de progresso ou redenção. Em consonância com Lukács (2000), o romance moderno rompe com a teleologia épica precisamente porque retrata um mundo destituído de finalidade transcendente, no qual os indivíduos não realizam feitos grandiosos nem instauram novas ordens, mas apenas sobrevivem, imersos em uma experiência fragmentada e privada de sentido.

A desumanização que atravessa as personagens de *Vidas Secas* intensifica o horizonte de negatividade que permeia toda a narrativa. Fabiano e a família são frequentemente comparados a animais “tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos”, (Ramos, 1938/2021, p. 08) como se a precariedade material e simbólica da sobrevivência dissolvesse as fronteiras entre o humano e o não humano. Paradoxalmente, é a cachorra Baleia quem recebe o tratamento mais lírico e afetuoso do romance, sobretudo em sua morte, quando “entrou no céu dos cachorros, um paraíso cheio de preás” (Ramos, 1938/2021, p. 49). Tal inversão narrativa, como observa Goldmann (1976), revela a alienação própria da modernidade: quando até os afetos se deslocam dos homens para os animais, evidencia-se a ruptura dos laços sociais e a precarização das formas de convivência impostas pelas condições históricas. Essa leitura converge com a análise de Benjamin (1989), para quem a modernidade fragmenta as experiências e dissolve a transmissão coletiva de sentido, de modo que os sujeitos passam a viver isolados, privados de vínculos orgânicos com a comunidade e com a tradição. Ao mesmo tempo, dialoga com Lukács (2000), que descreve o herói moderno como figura cindida, sem

transcendência e sem totalidade, cuja trajetória expõe as contradições de uma civilização que promete progresso, mas produz alienação e desencanto.

Ao final, a fuga da família retoma a cena inicial e confirma a lógica da repetição que estrutura *Vidas Secas*: não há redenção, não há saída, apenas a perpetuação da seca, da fome e da miséria. No desfecho, a narrativa descreve: “Ia chover. Melhor. As plantas cresceriam. Fabiano e os dois filhos ficariam menos magros” (Ramos, 1938/2021, p. 56). A promessa da chuva não anuncia redenção, mas apenas a sobrevivência mínima, como observa Lukács (2000) ao tratar do herói moderno: um sujeito que, incapaz de fundar valores duradouros, apenas resiste em meio a um mundo destituído de transcendência e de horizonte histórico. Como sintetiza Fehér (1997, p. 5), “os heróis não partem para a ativa correção do mundo, limitam-se a sofrer em decorrência do fato de que a alma deles é mais ampla do que os destinos que o mundo pode lhes oferecer.” Essa representação dialoga com Bakhtin (2010), para quem o romance moderno abandona a visão monológica e teleológica do épico para assumir a polifonia, a ambiguidade e a abertura formal, expondo uma realidade em que não há síntese conciliatória. Brandão (2020) acrescenta que esse movimento estético dá origem ao anti-herói, figura cuja trajetória é marcada não por conquistas ou fundações heroicas, mas pela impotência e pela fragmentação interior, expressando a crise do sujeito moderno diante das contradições históricas do capitalismo. Nunes (1993), por sua vez, interpreta essa crise como manifestação do niilismo moderno, em que os valores tradicionais se esvaziam sem que novas referências éticas ou metafísicas sejam plenamente constituídas. Assim, o sofrimento de Fabiano transcende o plano individual, convertendo-se em denúncia estética e histórica da modernidade enquanto experiência de desenraizamento, alienação e frustração permanentes.

Portanto, ao articular a trajetória de Fabiano com a fragmentação formal, a polifonia e a ausência de teleologia características do romance moderno, *Vidas Secas* confirma o diagnóstico crítico de que a modernidade dissolveu a totalidade épica e instaurou uma experiência histórica marcada pelo desencanto e pela alienação. A análise de Lukács (2000) sobre o herói problemático, as reflexões de Bakhtin (2010) acerca da heterogeneidade narrativa e as discussões de Brandão (2020) e Nunes (1993) sobre o anti-herói e o niilismo moderno permitem compreender como a obra de Graciliano Ramos transcende o mero registro regionalista para inscrever-se no horizonte mais amplo da literatura moderna. Desse modo, a repetição da fuga, a condição humana e a violência que atravessam a vida dos personagens não

apenas expressam a miséria sertaneja, mas revelam, em chave estética, as contradições históricas e sociais de um mundo em que as promessas de emancipação permanecem sistematicamente frustradas.

Considerações finais

A análise desenvolvida demonstrou que a questão norteadora foi respondida. A investigação confirmou que *Vidas Secas* retrata a trajetória de Fabiano e sua família, transcendendo o regionalismo e inserindo-se na tradição do romance moderno quando articula fragmentação formal, ausência de teleologia e crítica à modernidade. A pesquisa constatou que o personagem não realiza feitos fundadores nem encontra soluções para sua condição social, caracterizando-se como herói problemático no sentido lukacsiano, imerso em uma realidade histórica e social marcada pelo desencanto, pela alienação e pela impossibilidade de síntese entre sujeito e mundo.

Os objetivos propostos foram alcançados à medida que a análise identificou como a estrutura narrativa de *Vidas Secas* rompe com a linearidade e expõe a precariedade material e simbólica da vida sertaneja sem recorrer a soluções conciliatórias. A abordagem histórico-crítica adotada permitiu compreender de que forma a obra expressa, simultaneamente, a trajetória de sobrevivência dos personagens e as contradições históricas e sociais que definem a modernidade, evidenciando uma dimensão estética que vai além do simples registro documental da realidade nordestina.

Entre os principais resultados, destacou-se a confirmação de que a potência crítica do romance decorre da convergência entre forma literária e contexto histórico. A fragmentação estrutural, a circularidade narrativa e a interioridade cindida das personagens revelam um mundo sem transcendência, no qual o indivíduo está condenado a sobreviver sem romper o ciclo de opressão e miséria. Ademais, a presença de uma linguagem contida e de uma construção estética rigorosa transforma a experiência social em problema literário e filosófico, reafirmando a centralidade do romance moderno como espaço de problematização histórica.

No decorrer da pesquisa, algumas dificuldades metodológicas foram enfrentadas, especialmente no equilíbrio entre a densidade conceitual exigida pelo referencial teórico e a necessidade de preservar a singularidade estética da obra. Evitar leituras que reduzissem o romance a simples ilustração de categorias sociológicas, sem perder a precisão conceitual,

demandou um esforço interpretativo contínuo para manter a análise fiel à complexidade formal do texto literário e ao panorama histórico e filosófico que o atravessa. Houve também o cuidado de não forçar a análise de Fabiano a se ajustar, de maneira automática, à categoria pré-definida de “herói problemático”. Embora o personagem apresente características que o aproximam dessa formulação teórica, sua construção literária não se esgota nela, pois está profundamente vinculada às condições históricas e sociais específicas do Brasil da década de 1930.

Por fim, a pesquisa aponta para desdobramentos futuros, como estudos comparativos com outros romances do modernismo brasileiro e latino-americano que apresentem protagonistas igualmente marcados pela alienação, pela precariedade e pela fragmentação da experiência histórica. Nesse sentido, *Vidas Secas* confirma-se como obra fundamental para compreender não apenas a condição social sertaneja, mas também as contradições estéticas e histórico-sociais da modernidade, oferecendo ao campo dos estudos literários um material crítico para pensar a relação entre forma, história e subjetividade na literatura do século XX.

Referências

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ANTUNES, Letizia Zini. Teoria da narrativa: o romance como epopeia burguesa. In: ANTUNES, Letizia Zini. (Org.). **Estudos de literatura e linguística**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998. p. 179-220.

ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus**: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BORGATO, Rafael. O romance moderno como epopeia burguesa: o realismo inglês setecentista. **Revista Odisseia**, Natal, v. 3, n. 1, p. 57–73, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/13087>. Acesso em: 01 set. 2025.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 52.ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BRANDÃO, Luís Alberto. **Teoria do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. São Paulo: Todavia, 2023.

CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia. (org.). **Fortuna crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 25- 33.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 16.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

CLEMENTE, Elvo. O flagelo humano das secas (visão literária). **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 79- 89, 1989. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/16242>. Acesso em: 01 mar. 2026.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões: campanha de Canudos**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

FEHÉR, Ference. **O romance está morrendo?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GENTILI, Pablo. A exclusão e a escola: o apartheid educacional como política de ocidentalização. In: ALENCAR, Chico e GENTILI, Pablo (Org.). **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 180-242.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do romance**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998.

HERNANDEZ, Leila M. G. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. 3.ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.

KOTHE, Flávio René. **Literatura e modernidade**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2000.

LACERDA NETO, Aristóteles de Almeida. Dom Quixote e Fogo Morto: Um estudo comparado. **Dedalus- Revista Portuguesa de Literatura Comparada**, Lisboa, v. 18, p. 1157-1176, 2014. Disponível em: <https://revistadedalus.pt/ddalus/index.php/dedalus/article/view/460>. Acesso em: 01 de mar. de 2026.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o modernismo**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LEITÃO, Cláudio Correa. **Líquido e incerto**: memória e exílio em Graciliano Ramos. Niterói: Editora UFF, 2003.

LIMA, Luís Costa. **O controle do imaginário**: razão e imaginação no Ocidente. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. 34.ed. São Paulo: Duas Cidades: 2000.

MELO, Ana Amélia. A Crítica Social e a Escrita em Vidas Secas. **Estudos, Sociedades e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 02, n. 13 p. 369- 398, 2005. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/267>. Acesso em: 01 mar. 2026.

NUNES, Benedito. **O nilismo e a modernidade literária**. São Paulo: Ática, 1993.

PEREIRA, Manuel da Cunha. A obra-prima de Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia. (org.). **Fortuna crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 152- 157.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Record, 2021.

RÓNAI, Paulo. **Introdução à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

SAMUEL, Rogel. Arte e Sociedade. In: **Manual de Teoria literária**. Petrópolis: Vozes, 1985.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24.ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Cícero Josivan da. **A influência do meio na linguagem**: uma leitura da obra vidas secas, Graciliano Ramos. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.